

Paixão crítica – 100 anos de Octavio Paz

Resumo

Esta apresentação do seminário Paixão crítica: 100 anos de Octavio Paz, realizado na PUC-Rio em setembro e outubro de 2014, sublinha a centralidade da noção de dialética da solidão na obra do poeta e pensador. Acompanha a sua elaboração e reelaboração, desde os anos 1940 até o período final, como em A busca do presente, de 1990.

Palavras-chave: Octavio Paz poeta e ensaísta; dialética da solidão; literatura e crítica; pensamento contemporâneo.

Abstract

This presentation of the seminar Critical Passion : 100 Years of Octavio Paz – held at PUC-Rio in September and October 2014 – underlines the centrality of the notion of “dialectic of solitude” in the work of the poet and thinker. Accompanying its preparation and reworking, from the 1940s through the final period, as in In Search of the Present, from 1990.

Keywords: Octavio Paz poet and thinker; dialectic of solitude; literature and criticism; contemporary thinking.

* Professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

Nos dias 30 de setembro e 1 e 2 de outubro de 2014 ocorreu na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro um colóquio dedicado à comemoração dos cem anos de Octavio Paz. A escolha do título do evento - *Paixão crítica: 100 anos de Octavio Paz* – teve a intenção de sublinhar a paixão do escritor pela crítica, o que certamente é uma das marcas da sua obra e o caracteriza como um escritor moderno, isto é, um escritor da idade da crítica. Além disso, pretendíamos indicar que paixão e crítica são as duas forças que impulsionam a obra de Octavio Paz. Algumas questões estiveram presentes em nossas discussões: como se dá na obra e na biografia do poeta a relação entre as duas forças – a paixão e a crítica? Há convergência, competição ou alguma forma de subordinação entre elas? Qual a relação entre a obra poética e os ensaios de Octavio Paz? Será significativo o fato de os ensaios de Paz terem muito maior projeção do que sua poesia? Isto acontece só no Brasil?

Os textos reunidos neste livro reproduzem a maior parte das comunicações dos participantes do seminário. Eles são uma contribuição para o aprofundamento e a expansão dos estudos sobre Octavio Paz no Brasil, acrescidos agora com a participação de pesquisadores do México, dos Estados Unidos e da França.

A introdução da obra de Octavio Paz no Brasil foi motivada pelo encontro de Celso Lafer com o poeta, na Universidade de Cornell, em 1966, onde ele dava um curso a que Lafer assistiu. Ao voltar dos Estados Unidos, Lafer sugeriu a Haroldo de Campos que escrevesse para Paz e enviasse material sobre poesia concreta. Isso aconteceu em 1968, ano em que se iniciou a troca de cartas entre os dois poetas.

Nos anos seguintes, Celso Lafer e Haroldo de Campos prepararam a coletânea *Signos em rotação* para a editora Perspectiva, com tradução de Sebastião Uchoa Leite, publicada em 1972. Foi a primeira vez que alguns capítulos de *O arco e a lira* foram traduzidos para o português.

Os ensaios principais, *O labirinto da solidão*, *O arco e a lira*, *Os filhos do barro*, logo foram traduzidos por Eliane Zagury e Olga Savary. A obra poética custou mais para ser traduzida: em 1983, saiu uma coletânea com tradução de Olga Savary e, mais tarde, *Águia ou sol?* e *Pedra do Sol*, por Horácio Costa (1994 e 1997).

Desde 1978, Haroldo de Campos se interessou em traduzir *Blanco*, poema publicado em 1967. No período de elaboração da tradução, Octavio Paz veio ao Brasil, em 1985, quando foram lidas as versões do poema em espanhol e em português, em São Paulo. É deste momento também a mesa-redonda em *O Estado de S. Paulo*, mais tarde publicada no livro *A palavra inquieta*.

Em 1986, saiu *Transblanco*, pela Editora Guanabara, com a tradução de *Blanco* e todo o material relativo à tradução de Haroldo de Campos. O livro vinha assinado por Paz e Haroldo de Campos, e tinha como subtítulo: *Em torno a Blanco de Octavio Paz*.

Depois da morte de Octavio Paz, em 1998, foi publicado o livro em sua homenagem *A palavra inquieta*, organizado por Maria Esther Maciel.¹ Recentemente novas traduções foram feitas de três livros: *O labirinto da solidão*, *O arco e a lira* e *Os filhos do barro*, por Ari Roitman. Há ainda muitos livros a serem traduzidos, como a maior parte da obra poética e o importante *A busca do presente*, o discurso do Prêmio Nobel, de 1990.

Muitos acreditam, com razão, que um escritor ou um pensador persegue, ao longo de sua obra, a resposta a uma única pergunta. Foi o que aconteceu com Octavio Paz. Em 1942, ele fez uma palestra sobre São João da Cruz (quando se comemoraram seus quatrocentos anos) e Quevedo, intitulada *Poesia de solidão e poesia de comunhão*. O poeta tinha 28 anos. Já tinha passado pela experiência da Espanha, em 1937, e participava da cena cultural da Cidade do México, agitada, naquele tempo, com a criação de revistas culturais, como *Taller*, em que colaborava, e com a presença de refugiados espanhóis, como José Gaos, tradutor de Heidegger para o espanhol. Foram estes transplantados que serviram de ponte para os mexicanos entrarem em contato com novas correntes do pensamento europeu, como a fenomenologia, o que motivou a crítica das teses positivistas, com forte presença na história intelectual tanto mexicana quanto brasileira, e o questionamento de um estreito nacionalismo.

O jovem escritor buscava, então, uma definição da poesia lírica, em passagens como a que se refere a uma espécie de fusão da alma e do mundo ou à estranha figura de uma flecha cravada nas entranhas do céu. Na conferência, Paz aproximou a lírica da religião, já que as duas envolveriam uma atitude contemplativa, em contraste com a magia, aproximada da técnica, pois estas estão empenhadas em transformar o mundo ativamente.

Para Octavio Paz, as duas notas extremas da poesia lírica, a comunhão e a solidão, estão presentes em São João e em Quevedo. Os poemas de São João expressam a experiência da comunhão com Deus, de completa consonância com a transcendência. O voo místico descrito em seus versos foi possível porque ele ainda pertencia a um mundo em que imperava a harmonia de todas as esferas da experiência. Muito diferente foi o caminho de Quevedo - um poeta moderno, para Paz. Quevedo está consciente de estar apartado da totalidade. E consciência significa cisão entre o eu e o mundo. Octavio Paz explica: “Se São João é o poeta do êxtase, Quevedo é o da angústia.”² A poesia lírica seria,

1 *A palavra inquieta*. (org. Maria Esther Maciel). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

2 “Poesía de soledad y poesía de comunión”. *Obras completas* 13, p. 242.

então, ou a expressão do absoluto ou, a desgarrada tentativa de chegar a ele. A conferência de 1942 apresenta a primeira formulação da dialética da solidão e da comunhão, que constitui o motivo central da obra de Octavio Paz, de seus ensaios e de seus poemas, ao longo da vida.

Nos anos 1940, Octavio Paz redigiu *O labirinto da solidão*, publicado em 1950, e complementado, mais tarde, com o apêndice “A dialética da solidão”. O livro avalia a história mexicana pelo viés da dialética da solidão. Em um primeiro período da história do país, na colônia, predominou um sentido unitário do mundo, assegurado pelo domínio espanhol e pela Igreja. Em seguida, o século XIX foi marcado pelo estranhamento do país relativamente ao seu próprio ser. Pretendeu-se impor ao México modelos políticos e culturais importados e muito abstratos, como o liberalismo e o positivismo. O terceiro passo desta história dialética foi a revolução iniciada em 1910, que constituiu um esforço de resgate da unidade perdida e teve a intenção de promover um encontro do México consigo mesmo. Em *O labirinto da solidão* a dialética da solidão não é resolvida. O processo revolucionário que seria sua síntese não foi bem sucedido. Sua institucionalização levou a um desvirtuamento, e o livro é, na verdade, uma interrogação sobre o significado de uma experiência falida. Também por este mesmo motivo, o propósito de fazer um retrato do mexicano não se concretizou. Não se encontra no ensaio referência a qualquer entidade nacional. Ao contrário, a história do México apresenta a superposição de várias máscaras, e quando a última delas é arrancada, a revolucionária, o mexicano se vê em um estado de solidão que o aproxima de todos os outros povos, igualmente solitários.

Octavio Paz se deu conta do modo de ser incompleto da dialética da solidão ao se interrogar sobre o curso da história mexicana. No entanto, esta noção é muito mais ampla, pois é a chave para a compreensão das várias dimensões da experiência. A começar por sua própria biografia, narrada pelo poeta em alguns escritos que reconstituem sua trajetória, desde a meninice até a idade adulta. Ele se refere, em primeiro lugar, ao ambiente protegido e atemporal da infância, vivida na casa do avô; mostra, em seguida, como este mundo foi devassado pelas exigências da vida adulta, como no caso da visão das fotos das cenas reais do mundo em guerra; por fim, afirma que sua vocação poética foi orientada pela busca, necessariamente incompleta, da unidade perdida. Em outra esfera muito diferente - da avaliação dos acontecimentos políticos do século XX, de que o poeta foi importante testemunha - os mesmos critérios estão presentes. Paz pertenceu a uma geração que ainda confiou nas utopias do século XIX, que definiam a história como o caminho para a realização da síntese da liberdade e da necessidade. Ora, os acontecimentos do século XX

mostraram que esta crença era uma ilusão e que uma síntese, neste sentido, sequer era desejável, pois ela significaria a instauração de regimes totalitários.

Octavio Paz não viveu a impossibilidade do fecho da dialética com um sentimento de desamparo. Neste sentido está próximo de autores como Nietzsche, Heidegger, Walter Benjamin e Hannah Arendt que viram na crise contemporânea, na ruptura dos parâmetros tradicionais, também um momento de libertação. Para o poeta, as mais relevantes realizações dos homens e as experiências mais preciosas se explicam por estarem envolvidas nesta forma incompleta de dialética. Dois princípios organizam a vida humana: de um lado, há o anseio de recuperar a unidade, de alcançar alguma forma de completude; de outro, há o reconhecimento da impossibilidade de realizar este intento. A presença simultânea destes dois princípios explica as experiências fundamentais da poesia, do amor e do sagrado. Trata-se de experiências que derivam do reconhecimento da precariedade do homem, mas também do inconformismo diante dela. São como pontes que lançamos, mas que nunca atingem o outro lado.

Não poderia detalhar toda a riqueza da concepção de Paz destas experiências fundamentais. Ao longo do tempo, sua obra poética e seus ensaios cada vez mais se concentraram em explorar as possibilidades verdadeiramente inaugurais do amor e da poesia, até em uma interrogação que se poderia chamar de metafísica. Levando em conta apenas os ensaios, *O arco e a lira*, *Os filhos do barro* e *A outra voz* contêm o pensamento sobre a poesia. *A dupla chama*, de 1993, resume a visão do erotismo e do amor, as duas chamas - vermelha e azul - que sustentam a vida. No momento, vou me ater à consideração do que está pressuposto no tratamento destas experiências fundamentais - a visão de Paz do conceito de tempo. Cada etapa da dialética da solidão comporta uma certa vivência do tempo.

Ao primeiro momento corresponde a experiência de ausência da temporalidade. No caso da história das civilizações, para não irmos por enquanto ao âmago da discussão filosófica, isto tem a ver com a época em que se adotou uma noção do tempo cíclico e repetitivo. Ao segundo momento da dialética corresponde a noção de tempo linear. Isto ocorreu, em um primeiro período, no cristianismo, que reconheceu na salvação futura o nexo da história. Em seguida, no mundo secular moderno, o progresso passou a ser visto como o motor da história, que assegura a “colonização” do futuro. O futuro foi a dimensão temporal privilegiada nas sociedades modernas.

Paz reconhecia na contemporaneidade, no nosso tempo, os sinais do oca-so do futuro. Alguns traços deste novo cenário são, para ele: o fato de que a própria noção de progresso e dos meios de assegurá-lo, a ciência e a técnica,

A noção de transparência pode ser aproximada de outra, que tem a ver com entreabrir as portas da percepção, referida no trecho final do discurso do prêmio Nobel, chamado precisamente *A busca do presente*: “Perseguiamos a modernidade em suas incessantes metamorfoses e nunca conseguimos capturá-la. Escapa sempre: cada encontro é uma fuga. Nós a abraçamos e logo ela se dissipa: fica só um pouco de ar. É o instante, este pássaro que está em toda parte e em nenhuma. Queremos tomá-lo vivo, mas abre as asas e se esvanece, feito em um punhado de sílabas. Ficamos com as mãos vazias. Então as portas da percepção de entreabrem e aparece o outro tempo, o verdadeiro, o que buscávamos sem o saber: o presente, a presença.”³

3 *La quête du present*. (ed. bilingue), Paris, Gallimard, 1991.

